

Falcão canta hoje, no  
Boa Praça de J. da Penha

Página 2

Cariacica mostra seu  
artesanato até dia 5

Página 2

# Caderno Dois

A GAZETA – Vitória (ES), terça-feira, 02 de setembro de 1997

Atriz chilena inicia  
oficina de teatro

Página 2

Homem-Aranha completa  
35 anos de sucesso

Página 6

# A vida ao pé do Convento

Em homenagem ao município e sua santa padroeira, será lançado hoje 'Vila Velha da Senhora da Penha', de três autores e fotos de Capai

SANDRA AGUIAR

Nossa Senhora da Penha, aonde ela foi morar: lá no algo da pedreira, toda cercada de mar". A trovinha, cantada pelos capixabas, exalta o símbolo tradicional de Vila Velha e revela o espírito pacífico dos homens que lançam seus olhares diariamente para a morada de sua padroeira. A santa e o município são homenageados no livro **Vila Velha da Senhora da Penha**, que será lançado hoje, em coquetel na Galeria de Arte Garoto, às 20h30m.

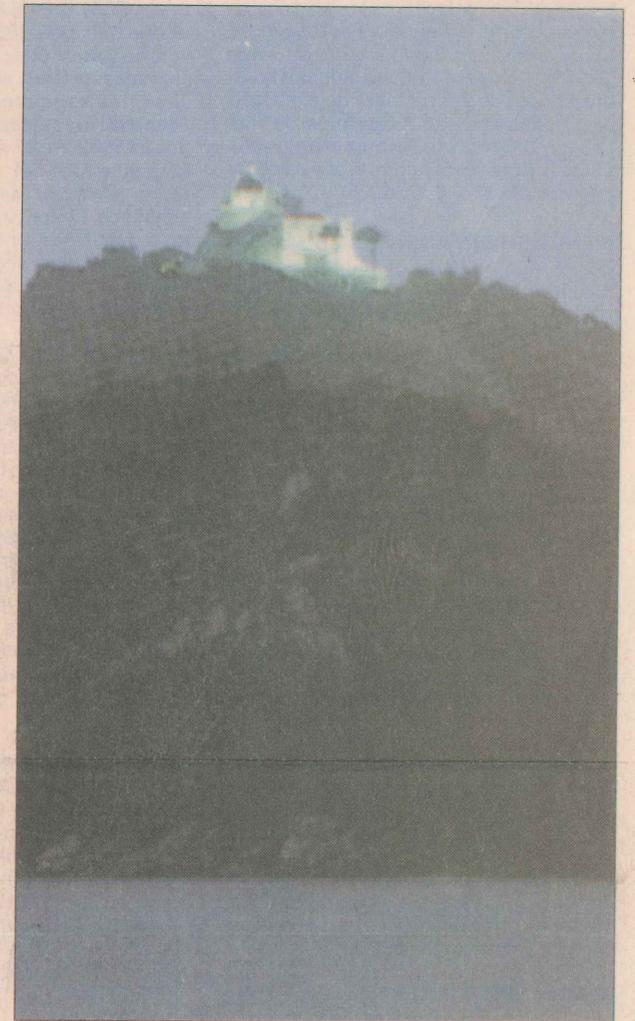
Faz parte do lançamento a exposição de fotos de Humberto Capai, são 32 das 78 que ilustram a obra de arte, com texto de Luiz Guilherme Santos Neves, Reinaldo Santos Neves e Renato Pacheco. Além disso, está previsto show instrumental com o Trio Manas.

Em Edição bilíngüe (português e inglês) com tradução de Bob de Paula, **Vila Velha da Senhora da Penha** tem o patrocínio da Chocolates Garoto, e é fruto de um trabalho do Centro de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo. Mas não se trata de um roteiro de viagem, ou mesmo um guia turístico. É uma obra de arte, que exibe a beleza de município, o contraste entre seu passado e seu presente, mostra a religiosidade de seu povo, seus pescadores em ação, destaca, ainda, a banda de congo da Barra do Jucu – e inclui a performance da Chocolates Garoto, que atingiu no ano passado a marca de 92 mil toneladas de produção.

"Este livro é um projeto antigo, uma preocupação de parceiros de trazer à tona parte da história do Estado", explica Humberto Capai a respeito da obra, a quinta feita em parceria com Luiz Guilherme, e o terceira com Renato Pacheco e Reinaldo Santos Neves.

Humberto Capai começou o trabalho fotográfico em setembro do ano passado e o concluiu em junho deste ano, tendo aproveitado as melhores épocas de luz e festa no município mais antigo do Espírito Santo. Fotógrafo há uns 20 anos, que direcionava no início suas lentes para trabalhos científicos, ele explica que, além de mostrar o símbolo da fé da população, enfocou também a arquitetura do convento e a estruturação do município.

E porque essa estruturação não envolve só turismo, há imagens do porto, do pólo de confecções do bairro da Glória, da Chocolates Garoto e de alguns dos símbolos da cultura popular, a exemplo dos núcleos de pesca e, evidentemente, do congo da Barra do Jucu. Formado em Física, Capai confessa que descobriu coisas mais interessantes rodando pelo município do que estava habituado a ver na área científica



E porque essa estruturação não envolve só turismo, há imagens do porto, do pólo de confecções do bairro da Glória, da Chocolates Garoto e de alguns dos símbolos da cultura popular, a exemplo dos núcleos de pesca e, evidentemente, do congo da Barra do Jucu. Formado em Física, Capai confessa que descobriu coisas mais interessantes rodando pelo município do que estava habituado a ver na área científica.

**TODOS POR UM E DEUS...** – Nas páginas sobre o passado de Vila Velha, mais precisamente sobre a sua origem, os autores contam que a história do município se confunde com a do Estado, relembando os tempos da sua colonização – Vasco Fernandes Coutinho aqui chegou em 23 de maio de 1535. E reconstituem a antiga imagem: “Vila Velha começou com algumas choupanas e uma igreja, para que os homens, abaixo do equador, não esquecessem de Deus.”

Relembrem que a igreja, da invocação de Nossa Senhora do Rosário, por exemplo, foi levantada diante da prainha, onde desceram os colonizadores. O que, a princípio, parecia um sonho de Vasco Fernandes, ressaltam, acabou acontecendo. Segundo os autores do livro, a colonização cresceu com seus triunfos e tragédias, percalços e conflitos, e o forte de Piratiningua, cujo nome cristão era São Francisco, lembra esse passado colonial, em que era preciso defender o ouro das Minas Gerais de um possível ataque de nação inimiga de Portugal e evitar que o contrabando das minas escapulisse pelo litoral sem deixar rastro.

Antes dos fortes, a defesa de Vitória e Vila Velha deixava muito a desejar.

“Quando piratas e corsários ameaçavam as vilas, os sinos das igrejas convocavam os homens ao mutirão das armas, todos por um e Deus por todos. Franceses, ingleses e holandeses, que estiveram no Espírito Santo no correr dos séculos XVI e XVII, atraídos pelo pau brasil e pelo açúcar, enfrentaram essa defesa improvisada sob o tremor dos sinos.

Do tempo colonial passos para a República. No começo deste século, registram os pesquisadores, Vila Velha não podia mais ser considerada a povoação de casebres decadentes. “Cidade em 1896, havia avançado além da Prainha histórica, embora sem grande galope e sem espanar das insígnias cidadinas seu arraigado bucolismo colonia.”

Tão pouco, no final dos anos 40, Vila Velha já não era uma cidade-dormitório da capital, ao contrário do que se tem dito. Renato Pacheco e Luiz Guilherme Santos Neves afirmam que lá existia vida própria, devido às suas atividades agropastoris, comerciais, industriais e de lazer. Eles, então equiparam o município a outros litorâneos do Estado, como Guarapari, Anchieta, Piúma e Itapemirim.

Fotos e textos fazem jus à beleza e importância da cidade situada ao pé do Convento. Suas lendas e seu folclore compõem o dia-a-dia do município que não se fez, como destacam os autores, num estalo de dedos de Nossa Senhora. Personagens dessa história são lembrados, como o Frei Pedro Palácios, que deixou a Bahia e chegou ao Espírito Santo em 1558, trazendo consigo uma tela de Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo. Estava vivo ainda quando foi realizada a primeira Festa da Penha. Inaugurava, assim, a tradição das celebrações e das romarias que não pararam mais. “Quando Frei Pedro faleceu, em 1570, a ermida das Palmeiras estava espetada na pedra, como manda a regra das igrejas feitas para durar.”

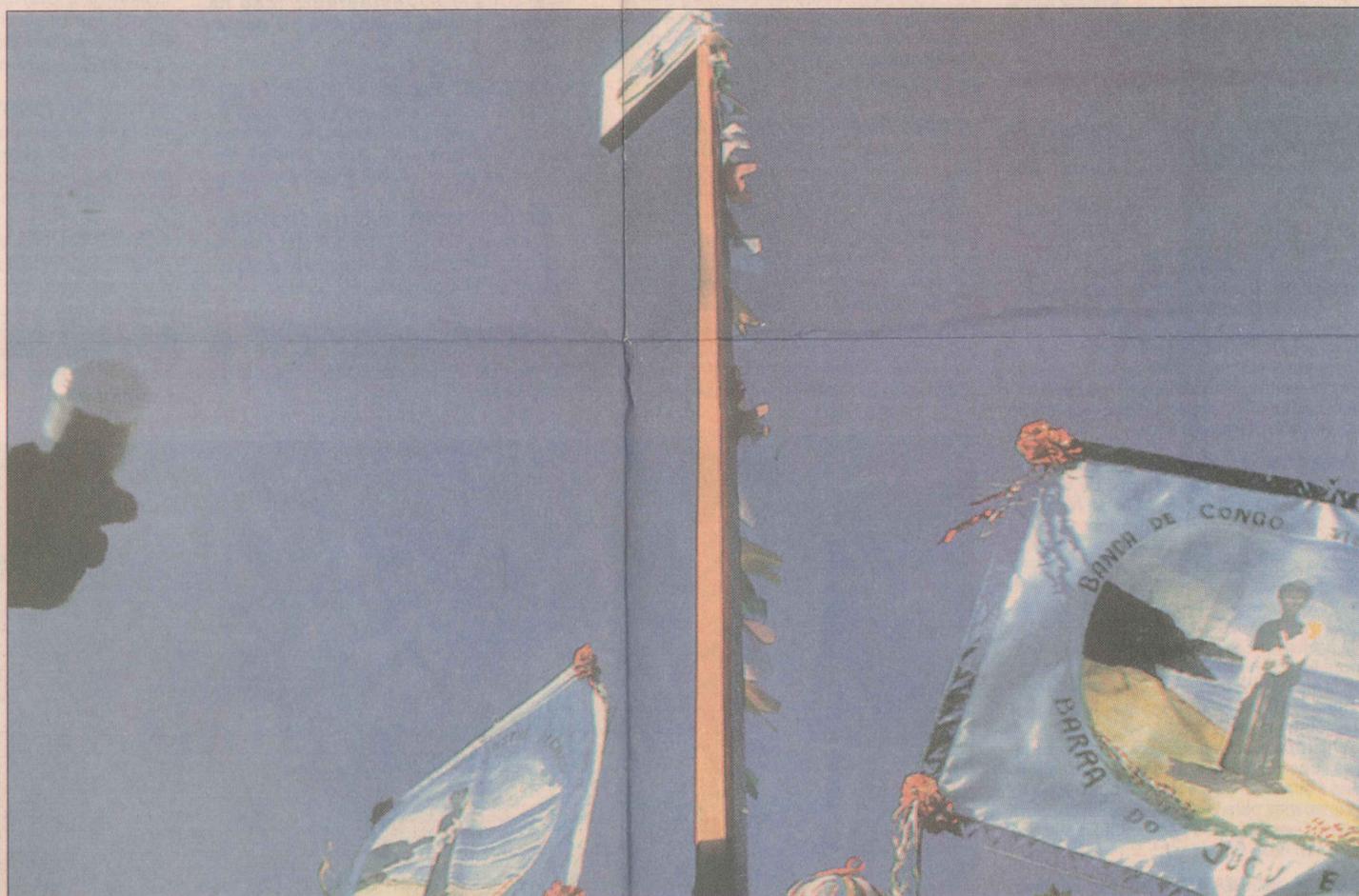
Em Vila Velha da Senhora da Penha, os autores mostram o que mais se vê por ali, além das praias. Mas, por que não mostrar as praias? Interessante enxergar todos os detalhes, alguns dos quais passam despercebidos se olhados dos mirantes do Convento. São pescadores consertando suas redes de pescar, são rostos serenos que apelam pela bênção divina, são quilômetros e quilômetros de praias lotadas de veranistas, são homens que cantam e dançam em louvor a São Benedito. São pessoas que oram e trabalham, transformando a rotina em milagres diários.



Fotos de Humberto Capai



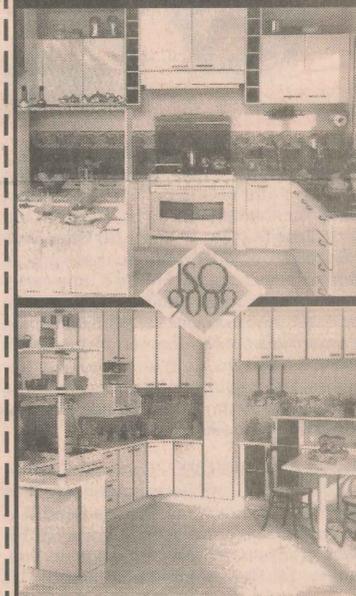
O Porto de Vila Velha, um dos terminais do Corredor de Exportação Centroleste; os catraieiros que atravessam a Baía de Vitória; e, acima, o símbolo do município e também do Estado



O fotógrafo Humberto Capai exhibe mastros e bandeiras de congo em louvor a São Benedito, na Barra do Jucu, um dos tradicionais redutos de conquistas capixabas e onde nasceu ‘Madalena’. E a pesca artesanal, da qual muitas famílias de Vila Velha tiram a sua sobrevivência

**DELLANNO**

Onde tem cozinha, cabe uma Dellanno



PREÇO À VISTA EM

**5x**  
IGUAIS

(1+4)

Visite nosso show room

Av. Rio Branco, 304, loja 14 Shopping Rio Branco

**225-5938**

Promocão válida até 30/09/97